

# O que há por trás da cognição social

POR KEITILINE VIACAVA

Todos nós precisamos do outro para viver e ascender. Porém, a convivência pode ser difícil. Encontrar equilíbrio depende da nossa capacidade de interagir uns com os outros e do estabelecimento de normas que permitam a formação de alianças e, ao mesmo tempo, delimitem espaços. Cognição social é o nome dado ao processamento mental da informação que permite estabelecer esse relacionamento interpessoal a partir do reconhecimento, da interpretação e da ação dos indivíduos em interação com outros. Na perspectiva da neurociência cognitiva, seu funcionamento requer que sistemas neurais especializados avaliem os sinais sociais do ambiente. Entender tal processamento e explorar o modo como compreendemos uns aos outros, a nós mesmos, e ainda adequamos nossos comportamentos são medidas indispensáveis quando se considera o impacto das relações na manutenção de vínculos e limites saudáveis. Um artigo publicado no periódico *Trends in Cognitive Sciences*, em 1999, por Ralph Adolphs, da Universidade de Iowa, revelou um consenso sobre a complexidade do desenvolvimento cognitivo social em humanos, já que ele parece derivar da interação entre genes, comportamento dos cuidadores e da cultura. Ancorada na abordagem evolucionista, essa visão supõe que a cognição social tenha surgido da interação dinâmica entre dois fatores relativamente paradoxais: a necessidade de estabelecer vínculos que tragam segurança e apoiem a melhor escolha de parceiros e de alimentos confiáveis, além da importância de criar limites visando harmonizar essa oferta para competidores dentro do próprio grupo e, eventualmente, estender recursos para fora dele. Essa linha de pensamento ajuda a explicar as bases por trás dos comportamentos sociais que chamamos de cooperação, altruísmo, empatia e confiança, bem como a entender os mecanismos subjacentes às necessidades de controle, coerção, engano e manipulação. Tais comportamentos podem ser observados em maior ou menor proporção, tanto em grupos pequenos (famílias) quanto em grupos maiores (empresas, instituições e sociedades).

Os pesquisadores estão interessados em desvendar os sistemas neurais que atendem a vários aspectos da cognição social. E os achados mais relevantes dizem respeito à replicação de descobertas relacionadas ao duplo processamento das informações ligadas ao apego e, por consequência, à formação e sustentação dos relacionamentos, assim como às diferenças individuais, gerando implicações para a avaliação tanto dos vínculos quanto dos limites. Os dados foram publicados pela revista *Frontiers in Human Neuroscience*.

Nosso cérebro está equipado para processar informações afetivas (que reforcem ou limitem os laços) de maneira rápida, com baixa ou nenhuma participação da consciência. A vantagem é que isso demanda pouca energia mental. Mães, pais e demais membros de um sistema de cuidados parentais, por exemplo, tendem a apresentar maior ativação automática para estímulos ameaçadores quando eles impõem riscos aos seus pupilos. Contudo, toda essa automatização tem um custo, que é o da limitação da consciência e o eventual afastamento de julgamentos mais cuidadosos e orientados a objetivos mais importantes ou de longo prazo.

A boa notícia é que os níveis de reatividade aos estímulos socialmente relevantes diferem entre as pessoas. Algumas questões importantes presentes nos sistemas sociais de decisão, como avaliar quando distribuir os recursos, para quem e o quanto, podem se beneficiar dessas diferenças. Está em nosso poder criar estratégias que nos protejam de ações irrefletidas, voltadas ao bem-estar individual, em prol de nossas redes de apoio sociais. Por mais simples que sejam, os arranjos de governança familiar e corporativa, por exemplo, caminham nessa direção, pois ajudam a ponderar os pensamentos e as intenções individuais, bem como a lidar com a diversidade cognitiva rumo ao alcance dos objetivos da organização. **hmt**



© SIMONTSCHIEDL

**KEITILINE VIACAVA**, Ph.D., é professora executiva em cognição gerencial e organizacional no DM.Lab. Realizou pós-doutorado em neurociência cognitiva na Universidade de Georgetown, em Washington, D.C., e é doutora em Psicologia pela UFRGS. É também associada da Society for Neuroscience (SfN) e da Academy of Management (AoM), ambas nos Estados Unidos. ✉ [krv@decisionmakinglab.com.br](mailto:krv@decisionmakinglab.com.br)